

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 24.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMANDO
CENSURA

"GUIMARÃIS - HISTÓRIA E ARTE"

Para encerrar condignamente o ciclo das realizações vimaranenses para a celebração do oitavo Centenário da Fundação de Portugal, a Câmara Municipal de Guimarães acaba de publicar a monografia sobre a História e a Arte deste concelho, em edição que não tem precedentes entre nós, e que constitui um dos mais brilhantes documentos bibliográficos realizados no Ano Aureo em Portugal. Colaboração literária da classe de alta cultura, aguarelas e desenhos dos mais distintos artistas, e uma edição que é no seu conjunto uma novidade e um primor em matéria de artes gráficas, a monografia «Guimarães - História e Arte» fica como o mais alto dos padrões vimaranenses erguidos pela inteligência e pela cultura ao espírito imortal da Pátria Portuguesa.

Dr. Manuel Monteiro

S. FRUCTUOSO UMA IGREJA MOZARABE

Foi em 1908, três anos logo depois da sua formatura, que Monteiro publicou - *S. Pedro de Rates - Com uma introdução acerca da Arquitectura românica em Portugal* - Tal estudo era, na verdade, um cometimento ousado. Afora alguns artigos especiais em revistas, só contávamos, nesse género de investigações, um estudo do dr. Filipe Simões, de 1870, algumas páginas de Fuschini (1904) - estudo particularmente consagrado à Sé de Lisboa - e o do dr. José Pessanha (1904-1907) sobre a arquitectura bizantina. Na *Arte Românica em Portugal*, a tão valiosa edição de Marques de Abreu, Joaquim de Vasconcelos, aliás descaradamente injusto para com Monteiro, sustem o seu despeito para confessar que o livro *S. Pedro de Rates* «contém uma introdução acerca da arquitectura românica em Portugal que encerra informações importantes e valiosas, embora muito resumidas, sobre monumentos românicos das províncias do Norte.» Há, neste fazer justiça reticente, uma injustiça flagrante. Ao escrever o inventário, ainda, até então, nem sequer delineado, do nosso românico, depois de haver, sóbria mas definitivamente, estabelecido como êle entrara e o caminho que seguira no ocidente da península, Monteiro visita e descreve, com apontar, em cada uma, certa característica, singularidade, restauro feito, vandalismo praticado, obra urgente a impôr-se, desde as de simples traçado - a nave e a abside rectangular - 42 igrejas; as de nave e abside semicircular, com a abóbada em arco de esfera e tramo de pleno cintro - mais 7, ou com vestíbulo, mais 6; até às de três naves - mais 11: de modo que plenamente se verifica haver concienzosa e canseirosamente estudado todo o nosso românico, salvo qualquer rara excepção, como, aliás, o comprova o confronto com a própria *Arte Românica em Portugal* da sua falada introdução, pois aqui, e ainda, êle desenha, com segurança, referindo-se a outras igrejas e templos, todo o evoluir do cânion românico entre nós.

Ricardo Severo, o grande português, recentemente falecido, andava então empenhado nessa grande obra de ressurgimento científico e espiritual, marcadamente patriótica, que era e foi a *Portugália*, sob a égide do nosso *Martins Sarmiento*, que, bem infelizmente, quasi logo se finava - e co-

nhecendo bem, nesta feira tumultuosa de vaidades irritadas e irritantes, os verdadeiros valores, adquiriu a colaboração de Monteiro, logo assinalada em pequenos, mas preciosos estudos, como os que publicava na *Arte e Natureza em Portugal*, na *Arte e Vida*, na *Ilustração Portuguesa*, nos *Serões*, na *Arte*, e outras revistas de séria categoria.

Ingressado na actividade política, em que sempre deu provas do seu límpido carácter, e na alta magistratura, que tem prestigiado, Monteiro acalentou a mesma paixão da mocidade pelos estudos a que havia consagrado o seu espírito. Depois de haver descrito maravilhosamente o *Douro* (1911), a *Escultura Românica em Portugal* (1938), as duas séries de artigos publicados no *Primeiro de Janeiro*, um dos quais - *A Sé Velha de Coimbra ou Romance de Roberto* - deu lugar a violenta polémica, na qual Monteiro galhardamente se desafiou com terso vigor camiliano e toda a pujança do seu saber profundo, estudos que é necessário reunir e editar em volume, pois são integrantes da sua obra e, agora, *S. Fructuoso* são as horas magníficas da sua vida espiritual. Metódico e frio na escrupulosa análise do mais pequeno pormenor, baseado no perfeito conhecimento do que de melhor se tem escrito neste ramo de investigações, tendo percorrido, com a mesma solicitude e afan dos seus tempos de estudante, os lugares sagrados da arte, em Portugal e no estrangeiro, dotado de peculiares condições de visão e confronto, Monteiro, em seus livros e estudos, conssegue dar aos assuntos mais rudes a mesma elegância e distinção, que tanto o caracterizam pessoalmente: e são assim os seus livros duas vezes dignos da arte - pelo estudo da arte a que se dedicam e pela forma artística que revestem.

Não se compadece com a índole deste semanário mais longa dissertação e só tenho pena de que outras circunstâncias me não permitam ainda prestar neste momento a homenagem, tam intimamente desejada, a quem tanto estimo e admiro. Recordo-me do que de Pinho Leal escreveu Júlio César Machado: «Vida lidada e movediça, trabalhador talentoso e incansável, empreendeu e realizou uma obra digna da gratidão nacional.»

Eduardo d'Almeida.

Anúncias no
«Notícias de Guimarães»
e fareis uma boa propaganda.

POETAS VIMARANENSES

OS POBRES ENVERGONHADOS

*Pobres envergonhados, aos milhares,
Os que foram riqueza e não são nada...
Os que morrem de fome nos seus lares
Sem queixas e de cara levantada...*

*Pobres envergonhados que preferem
Sofrer de que pedir nada a ninguém...
Orgulhosos de si por nada terem,
Opulentos de fome e de desdém...*

*Pobres envergonhados os que esperam
As migalhas do santo anonimato...
Pobres que foram ricos e que deram,
Sem exibirem, nunca, espalhafato...*

*Pobres envergonhados que vestiram
Muitos nus, que hoje passam sem olhar...
Mas se acaso os encaram logo viram
A cara para o lado... a disfarçar...*

*Pobres envergonhados, torturados,
O' miséria da vida, ó vida atroz!...
Famintos que esperais o pão calados,
Não há pobres mais pobres do que vós!...*

Setembro de 1940.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

Imagens de hoje

De longe...

Nós que estamos na paz do nosso lar, neste benéfico fim de verão, em que os calores abrasadores se despedem na suavidade da brisa das tardes e no redemoinhar melancólico das primeiras folhas secas, não fazemos ideia do que será a vida de milhões de habitantes de Londres e de outros pontos da Inglaterra, durante os ataques da aviação alemã.

Relatemos, em poucas linhas, a história de um raid aéreo, a partir do momento em que é avistado o inimigo.

Gemem as sirenes de alarme, vibrantes, plangentes. Calam-se. Voltam a gemer. Em milhares de casas, logo os moradores dirigem-se para os seus abrigos subterrâneos. Nas ruas, pedes e automobilistas procuram o refúgio mais próximo. Eis um raid que principia...

O abrigo subterrâneo passou a ter, na vida familiar, tanta importância como a própria cozinha da casa. Não é preciso interromper o jantar nem o sono pelo simples facto dos bombardeiros alemães atravessarem o canal da Mancha. Bastará levar a comida, a mesa ou a cama, para o abrigo - e continuar a comer ou a dormir, como se nada de extraordinário houvesse.

A vida quotidiana não será, pois, perturbada, mais do que o necessário, pelas visitas importantes dos aviões inimigos. E' esta a atitude do cidadão britânico. E, ao seu lado, vela

contava o que fizera ao ser despertada pelas sirenes de alarme:

«Acordei a mãisinha e o paisinho, vesti-me, calcei os sapatos de *tennis* trocados, fui buscar o cão, a coleira e a trela. Dei ao cão um pires de leite com bromêto para adormecer na prateleira do abrigo. Trouxe livros para ler e os nossos trabalhos de malha, para não nos aborrecermos.»

E' assim que, na Inglaterra atacada, os civis suportam o horror das bombas inimigas. Não se dirá que chorem e gemam...

Cessou o alarme. Cada qual volta para a sua vida.

J. C.

Farpas

Regresso

Cá estamos. E este aparecimento nas colunas das «Notícias» nem se assemelha ao renascer da Fénix nem é tampouco aquele *Regresso ao Lar* que Junqueiro inscreveu nas páginas da «Velhice».

Andamos apenas ausentes do jornal, durante este curto espaço de tempo, para que os leitores da gazeta pudessem ter algum tempo de férias, livres da maçadoria desta secção que já se vai prolongando em demasia.

Mas... como não há bem que sempre dure, cá estamos de novo.

No que se refere à situação internacional, a guerra continua entre as raças germânicas. Visitas a Londres, visitas a Berlim, estrondo de bombas, entrondo de notícias, e pobres dos pobres que têm de agüentar tão extraordinárias, antipáticas e bem dispensáveis visitas.

O Mundo é assim, feito de maldades, de incoerências, de desatinos. E quanto mais a civilização avança, mais o Mundo está pior. A Máquina é a maior inimiga da Humanidade. A cada triunfo da Máquina corresponde sempre um novo e desalentador gemido da Humanidade. Por vezes, e salvo limitadíssimas excepções, chega a gente a ter saudades daqueles tempos em que a Máquina não existia e a Humanidade vivia mais satisfeita e confiante.

O braço trabalhador, ainda não exaltado em comícios revolucionários, é que era então a força poderosa. Do seu esforço brotavam as riquezas da terra e havia mais tranquilidade de espírito, menos ambições e mais respeito.

A palavra era honrada e até as barbas serviam de penhor da palavra dada. Mas quando, por vontades estranhas, a palavra não era mantida, mandava a honra, mandava a dignidade, mandava o brio que

GAZETILHA

Não quero prejudicar, deixem-me isto proclamar, quem luta pela vidinha. Mas acho ser grande abuso que um *seringofone* intruso nos venha moer a «pinha».

Já por mais de que uma vez, no curto espaço de um mês, este caso aconteceu:

— Um sujeito e uma sujeita, com desfaçatez perfeita, julgam que o Tournal é seu.

Montam ali um *quiosque* e, alto, p'ra que se tosque, fica a tal coisa que canta. A's três por quatro, aí vai disto: E o povo tem de ser cristo a *gramar*... «Pomada Santa».

E' tam grande a barulheira que o sujeito e a cavaleira fazem no tal realejo, que, com franqueza, vos digo: — Aquilo é grande castigo ou de malucos desejo.

No domingo que passou, aquela coisa irritou o povo mais sossegado. Gritara tanto e tão pouco que até um sujeito mouco me dizia, revoltado:

— Hirra!, isto hoje é de mais!
A gente nem os jornais à vontade pode ler:
Chá milagroso p'ra aqui,
pomada santa p'ra ali,
— era mandá-los... prender.

Que providências se tomem, contra a mulher e o tal homem, exige-o a boa razão.
— Isto aqui, caros amigos, não é a aldeia dos figos, mas o Bêrço da Nação!

BELGATOUR.

se fôsse em peregrinação, léguas e léguas, de barão ao pescoço, penitencialmente, a resgatar com a vida o que não tinha sido honrado pela palavra.

Depois que a Máquina foi triunfando, levando de vencida tudo quanto representava honra, dignidade, brio, carácter, cilindrando tudo nuns hipotéticos direitos que geraram a indisciplina, a desordem, a má-criação, o desrespeito, a intriga, a inveja, a luta de classes de que se formou todo o cortejo sinistro dos ódios e das ambições, o braço trabalhador ficou ao desamparo, escarnecido, inerte, vencido em holocausto aos imortais princípios.

A expiação, agora, é dolorosa. Oxalá, porém, seja benéfica e a Humanidade se purifique e liberte dos espíritos maus e dos ruins ares que a enlouqueceram e a levaram à perdição. Mas, alto! Afinal dispunha-me burocraticamente a assinar o ponto e já ia entrando em divagações sobre coisas mais ou menos conhecidas.

São João das Caldas, 18 de Setembro do Ano Aureo.

X. X.

Horas bárbaras

XXXVI

Para melhor entendimento do turvo período, que, à morte deste monarca, se abriu na história política da Polónia, vamos confrontar o texto de *Matton* com o de *Hauréan*, pois, de alguma forma, se completam, evitando-nos escusadas divagações. «*Sobieski*, diz o primeiro, foi o último dos grandes soberanos polacos, o último rei nacional, livremente eleito como queria a constituição, o último que do coração se dedicou ao seu país. Seus sucessores, estrangeiros impostos pela força, foram tam ignorantes das necessidades e da vida da Polónia quam dela se desinteressaram. Durante o tempo dos *Vasa*, instalou-se, no trôno da Polónia, durante oitenta anos, uma dinastia sueca. Mas os nobres haviam-na escolhido pelo parentesco dela com os *Jagelões*. Agora, trata-se de uma família saxónia, que alcança o poder com *Frederico-Augusto*, Eleitor de Saxe. A força de dinheiro, e sobretudo com o apoio do Csar Pedro-o-Grande, consegue ser eleito por uma minoria, quando já o Príncipe Luís de Conti, sobrinho do grande Condé, tinha sido legalmente eleito: circunstância análoga à que se dera com Segismundo Vasa, mas agravada por uma intervenção estrangeira. Os Príncipes de Saxe, *Frederico-Augusto* e seus filhos, foram eleitos, relativamente, ainda quando novos e reinaram alguns não poucos anos: o primeiro durante 37, e deixou um rasto de desastres; o segundo, espioiu 30 anos em angustiada passividade. A um e a outro alimentou sim a mesma ideia de auferirem do Estado todo o rendimento possível. O Pai esforçou-se por transformar sua realeza constitucional em monarquia absoluta. O segundo não se dignou mesmo de se interessar pela corôa, deixou-se ficar em Saxe, perdendo assim o melhor do seu tempo — e afinal a política de ambos valia o mesmo».

«Rei da Polónia, diz *Hauréan*, com o nome de *Austo*, o Eleitor dū Saxe quis anunciar-se a um povo guerreiro como Príncipe conquistador. Na cerimónia da coroação, quando o gentil-homem, que conduzia a espada de *Sobieski*, a ia quebrar, seguindo o ritual costumado, o Rei deteve-o dizendo em alta voz: «Não quebreis essa espada, pois dela me quero servir para escorraçar da Polónia os Bárbaros e os Inimigos!» Mas, apenas alguns instantes depois de haver proferido esta frase solene, *Augusto* desmaiava no trono ao pé da coiraça!» Todavia, a primeira campanha terminou-a com êxito retumbante. Venceu os Turcos e obrigou-os, pelo tratado de Karlowitz, a restituír à Polónia toda a Ucrânia e a Polódia. Mas logo um considerável erro político veio sobrepôr-se a tam auspicioso início: foi a aliança com Pedro-o-Grande (a quem, na verdade, ficara devendo o auxílio prestado para a sua eleição) contra Carlos XII, Rei da Suécia. Tinha este, então, dezoito anos, e logo assaltou a Polónia, passou o Duína e ocupou Varsóvia. (1702). «*Augusto*, continua *Hauréan*, que se vira constringido a licenciar as suas forças saxónias, não conseguira ainda reunir o exército polaco. Viu-se, pois, em tal apêrto, na necessidade de recorrer aos saxónios e assim reunir 24.000 homens em Klizow, onde esperou confiadamente o Rei da Suécia, que tinha a mais 12.000 homens. Houve batalha, mas *Augusto* perdeu-a, e retirou-se vencido para os seus estados hereditários e Carlos XII entrou sem resistência na cidade de Cracóvia.» Então a Dieta, vendo-se ameaçada pelas tropas suecas, reuniu em Varsóvia em 1704, depôs *Augusto* II e elegeu o candidato apresentado por Carlos XII — *Estanislaw Leszcinski*.

Foot-ball

Mais uma jornada

Principiou mais uma época do desporto do foot-ball. Vai, pois, entrar em plena actividade essa modalidade desportiva, até hoje deficientemente compreendida por muitas pessoas que se dizem desportistas de 1.ª classe. O foot-ball é um desporto que tem — como qualquer outro — a sua técnica e é dentro dessa técnica que êle deve ser executado, a-fim-dos seus resultados corresponderem, em toda a extensão, à sua finalidade, que não é, evidentemente, a de alcançar vitórias ou triunfos pela violência de processos, sejam de que natureza forem. O exemplo de bem praticar o desporto em referência com elevado critério e devida correcção deve partir dos mais altos corpos directivos e estender-se pelos diferentes clubs, tornando-se, ainda, extensiva à própria assistência, aquela que em muitas emergências desta vida desportiva provoca desairosos tumultos, com o seu reflexo sempre desagradável, na terra ou terras onde os mesmos têm lugar. A experiência, pelo menos, assim o tem demonstrado e é de lamentar que de ano para ano se verifiquem semelhantes contrariedades. Uma derrota, quando justa e merecida, deve ser recebida com a máxima resignação e não deve, de forma alguma, pretender-se dar ao mais fraco o galardão que, por direito de conquista, pertence ao mais forte. E' certo que no foot-ball também há horas infelizes, mas a própria infelicidade igualmente deve ser encarada com ponderado acatamento. Se assim fôr, isto é, se todos se compenetrarem dos seus deveres e se conformarem com as surpresas que surgem a cada passo no decorrer desse desporto, não teremos a lamentar novos e tristes incidentes, mas, pelo contrário, teremos o foot-ball executado com técnica, com elevação e com educação. No entanto, para que assim aconteça não só é preciso que se dê o que acima já está dito, mas também se torna necessário que os Arbitros, que são, afinal, os orientadores do jogo, não sejam manequins de fácil adaptação a injustiças, mas sim escrupulosos cumpridores dos deveres do cargo que desempenham, o qual não admite parcialidade nem falta de

lealdade nem tam pouco simpatia pelo grupo A ou pelo grupo B. Dentro das suas atribuições, que lhes dão poderes, mas que também lhes impõem obrigações, êles devem empregar todos os seus esforços no sentido de moralizar costumes ou defeitos e não devem — como já tem sucedido — salpicar com lama a sua própria autoridade. Uma arbitragem intencionadamente mal feita ou, melhor, criminosamente parcial, transfere a moralidade do desporto em zaragata ou roupa suja. Pois bem: Se o decorrer dos anos tem deixado tantos desgostos ou contrariedades aos verdadeiros e apaixonados desportistas, sejam êstes os primeiros a levantar o seu grito de revolta, no início da nova época do foot-ball, contra qualquer deslize, seja por parte de quem fôr. Que a sua autorizada voz chegue junto de todos os desportistas e que lhes diga que já é tempo de todos compreenderem e tomarem a sério tam interessante desporto, acabando-se de uma vez para sempre com arreliações e até comprometedores acontecimentos, que chegam a criar ódios, quer entre grupos, quer entre terras. E ao Vitória de Guimarães, que derrotado ou vitorioso sempre tem sabido bater-se com âprumo e com apreciado respeito pela técnica do jogo, eu peço que continue a seguir esse caminho de tam nobre exemplo, preferindo — como por vezes já tem feito — a resignação duma injusta derrota à desforra das violências recebidas. Outro tanto peço à assistência vimaranesse, que, da mesma forma, deve tornar-se crêdora dos mais expressivos louvores pelo seu procedimento. Guimarães, terra laboriosa, ordeira e hospitaleira, é, pois, digna do grupo que tem, motivo por que o Vitória igualmente se torna digno do carinhoso amparo dos Vimaraneses, uma vez que êle prestigia o nome desta terra. Amor com amor se paga!

Zé da Aldeia.

Governador Civil do Distrito

A fazer a sua habitual cura de águas tem estado no Gerez o ilustre Governador Civil do Distrito, sr. Dr. Joaquim de Oliveira.

Críticas Pequenas

Em meio daquele mar de livros que na Porta da Vila nos fascinam os olhos, escondese um folheto do P.º A. Brandão com o título *A MULHER PIEDOSA E A MODA*.

E' recente a edição e tem quarenta páginas, a lembrar o corrente ano das Festas Centenárias.

O duelo dum médico católico com uma mãe cristã, *As pinturas femininas*, *A revista ilustrada Marie Claire*, *Omudismo das praias*, são os quatro capítulos de flagrante actualidade, a fazer do livro pequeno um grande livro.

O nudismo e a Medicina, O nudismo e a Moral, O nudismo e os Sacramentos, O nudismo e a Pátria, dão ao quarto capítulo uma cor e um interesse que a gente sôfrega e avidamente devora.

José de Paiva Boléu e Ricardo Jorge entram ali muito bem na fundamentada condenação do nudismo abusante e mais que abusante.

Chamar descrente ao Higienista-mor é que nos parece avançar demasiado. Bastava uma célebre conferência de Ricardo Jorge para o julgar bastantemente acobertado a sombra bendita da nossa Fé.

Estas lindas semanas de um verão ardente que ninguém previa, estas lindas semanas de repouso tentador, vem-nas passando Hugo Rocha em pouxada amiga no centro aldeão de Monsul.

Havendo deixado o seu afanoso Secretariado do Comércio do Porto, não esqueceu o preclaro Jornalista os dotes de alto preço com que ornamenta as suas crónicas de suave magia.

Assim assinalou a aldeia acolhedora com uma descrição topográfica e etnográfica que se devorava com delícia.

Assim cantou em duas crónicas do mais apreciável sabor o que mais o encantou na Póvoa de Lanhoso.

Assim lançou um brado sonoro e quente a lembrar o mínimo de Homenagem mais urgente à memória queridíssima de Gonçalo Sampaio.

Até mesmo em descanso se trabalha!

G.

O Pão está caro!

Juntamos a nossa voz à de todos os colegas que na semana finda se insurgiram contra a atitude dos industriais de padaria desta cidade, que mantiveram apenas por uns dias — bem poucos — o compromisso tomado perante a digna Autoridade Administrativa, sobre o preço do pão de milho que era há poucas semanas ainda, como é hoje, de \$90 cada quilo.

Durante uns oito dias apenas o preço desceu, e com justificada razão, para \$80.

Mas a balança subiu de novo...

VENDEM-SE

os seguintes prédios na R. de S. Dâmaso, com os n.ºs de policia 113 a 119. No Largo 13 de Fevereiro, os n.ºs 16 a 17. Recebe propostas e presta todos os esclarecimentos.

Manuel Simões Sobral.

R. Trindade Coelho, 1 — Guimarães. (armazém de azeite) (192)

Visitantes Ilustres

Estiveram nesta cidade, de visita aos nossos monumentos, os srs. Dr. Duarte Leite, antigo Ministro e Dr. Reinaldo dos Santos, Presidente da Academia Nacional das Belas Artes, ambos ilustres professores universitários.

As Trevas

A 26 de Fevereiro de uma no longínquo, noite tenebrosa, horrível, sem paralelo na história, desceira sobre nós. Na véspera, o frio, glacial, gelara os dedos das mãos e dos pés, abrindo chagas profundas.

Vinha-nos à mente a dança dos espectros de Ibsen, tudo quanto há de macabro e triste no mundo. O povo rezava, succumbido, à Virgem Maria, implorando clemência para os pecadores e paz entre os homens.

Inconsoláveis, recordávamos aqueles versos líricos de Augusto Gil:

Como nuvens de lágrimas, pairando sobre os tetos esguios da cidade, vai-se morosamente desdobrando um grande véu de sombra e de humidade.

Alguém nos diz do lado: «Não penses naquilo que não tem remédio. A França há-de triunfar da sua causa, a questão é entregarem-se todos ao trabalho produtivo e esquecerem os erros do passado». Então desviámos da ideia coisas tétricas e aborrecidas e pusemos o aparelho do rádio a funcionar.

Do Rio de Janeiro, daquela cidade formosa e clara como o sol, a voz de Catulo, berrava:

Estimei-te ver-te.

E a música alacre e maxixeira gemia na viola, trauteando a morena Bugriinha, no seu metal de voz simpático, a canção de Olavo Bilac:

Ora (dizem) ouvir estrélas! Certo perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro a janela pálido de espanto.

Porém, a rádio estava rouca e soturna. Seus ruídos faziam calafrios na espinha e quasi se não escutava o tribuno.

Se era ministro quem falava, a voz parecia de além-túmulo. Lembrámo-nos da inglesa endiabrada que comia azeitonas com carochos e tudo. A erva cidreira, bem quente, em infusão, evitara-lhe a cólica aguda, e a lourinha dera graças ao Redentor por não haver succumbido com um caróço encravado no esôfago.

Ah! como a natureza se submete à linfa e à erva!

A água, ao cair nas taças de cristal, cantava:

Não procures saber quem Ela é, porque nunca o direi; e se algum dia encontrarem a minha poesia, não-de encontrar este mistério ao pé!

Certo franciscano, novo ainda, habitava um convento perto daqui, no sopé da serra, em companhia dum S. Bernardo enorme, seu fiel e dedicado amigo.

O animal friajava de noite os casais onde havia criações e lambia, a estas, as mãos pequeninas. Chamava-se «Lorde», e era meigo como um cordeirinho manso.

Quando, às vezes, o luar aparecia, para logo se esconder de novo, o cão uivava funereamente. A treva assemelhava-se à cegueira completa, era como se houvessem estendido um crepe de viúva sobre a lua!

Ouvia-se, ao longe, o trovão roncicar, e o franciscano de candea acesa, ia de monte em monte, levar o resto do jantar aos seus irmãos famintos.

Determinada noite ajoelhará-se diante de um cruzeiro de pedra negra, e clamara:

Ó virgens que passais ao sol poente pelas estradas ermas a cantar! Eu quero ouvir uma canção ardente que me transporte ao meu perdido lar.

Neste momento, a ventania, furiosa, soprara mais de rijo e o pobre servo de Cristo ficara às escuras, não sabendo onde pousar os pés calçados de sandálias de setim azul e ouro.

Como nada receasse nem medo tivesse, meteu-se ao atalho, recitando, alto, versos de Camilo Pessanha:

Quem pululu, quem rasgou os meus lençóis de linho, onde esperi morrer — meus castos lençóis? Do meu jardim exigo os altos girassóis quem foi que os arrancou, e lançou no caminho!

Como Bocage, também entendemos nada existir como um sítio solitário e sombrio. Ninguém, ali, nos poderá ver.

E uma voz solta no espaço esta quadra jocosa:

Ó senhora do toucado, já que tem a mão tam certa venha buscar a oferta que ficou do baptizado.

Silêncio. Noite. Preguntaria Vitor Hugo: «Submergiu-se uma alma? Não para sempre: mas para alguns dias — responderíamos nós.

E agora: quereis um traço vivo desta neurastenia de cujo último ataque nos levantámos? Então rompe de entre os pinheirais e eucaliptos uma toada, talvez Antero:

Sonho que sou um cavaleiro andante por desertos, por sóis, por noite escura... Paladino do amor, busco, anelante, o palácio encantado de Ventura.

Mas, como este artigo já vai longe, fazemos ponto final aqui, com a célebre frase de alguém, no exílio: — Para cá vens da carrinho!

D. Joaquim de Bastião.

Lêde e propague o «Notícias de Guimarães»

Vária

Como já dera o melo-dia

(Do Caderno de notas... Incirculáveis)

Ao Dr. José Pinto Rodrigues.

7) — Misericórdia, sim, ó fariseu — fariseus que somos todos uns dos outros! —, pois através de tanta paisagem social e pictória dos mais heterogêneos e cosmorâmicos aspectos da natureza, em toda a parte do mundo, encontrei o mesmo estado de alma, ansioso, torturante, insofrido. Ah! meu caro, o homem de todas as raças, e das várias cores, pensa e geme sob a carga da vida, que lá arrasta como submetido escravo, a subir trôpegamente o espinhoso calvário das labutas pesadas e monótonas. A certa hora, no declínio do crepúsculo, os róstos se macilam de cansaço — o do parisiense como o do chinês, o do árabe como o do negro —, o olhar desalenta-se aborrecido, crispam-se os lábios secos em esgar de miséria, pálido e inerme.

Si d'cias cum l'interno affano si legesse in fronte scritto i quanti mai che invidia fanno ei farebero pieta!

Ou, como o nosso adorável poeta interpretou no sentido popular:

Se aquilo que a gente sente cá dentro, tivesse voz, Muita gente, toda a gente Teria pena de nós!

Mas a porta escancarara-se de brusco e outra vez as duas servas entraram, agora comandadas pela própria locandeira *Esdruzes*, afanosa e sorridente. Era o assado, mas o assado, em duas, não (perdão!), em três convénuais assadeiras de barro vermelho, compunha-se apenas e bagatelmente de um leitão, de um cabrito, e de enormes tassalhos de vitela, rôsbife e lombro de porco. Um miúdo, encoberto pelo voltar das saias, vinha ainda com a travessa dos legumes e o alguidar da salada. De salto, o Epaminondas erguera-se, horrorizado

— Justos céus! E falavamos — mais propriamente, aqui o cavaleiro, que lança de improviso nesta pública — falava... da miséria humana!

E' para que vejas o quanto a fome do homem é insaciável e insociável.

Conciliadora, e absolutamente na lógica de espontânea naturalidade, a *Esdruzes* interveio

— Agora, os senhores escolhem à vontade o que melhor lhes apetece. E, com solerte dignidade veneranda, rematou

— Só pagam o que gastarem, está bem de ver — hom'essa!

— My best love!

Lépidia, a franganota catrapisca despojara a mesa, sacudira as migalhas, mudara os pratos, dispusera os trinchantes e a saladeira, enquanto a moçoilona, cada vez mais oleosamente enrubescida e turgida, de mangas muito arremangadas, e coçando com os nédios braços roliços, de áspera penugem, os ombros do Epaminondas e a face do importante cavaleiro desconhecido, colocava o serviço sobre duas rodélas lisas de cortiça e derramava nos copos vinho fresco de Amarante, e o Epaminondas, estirando os longos dedos nicotinosos pela trufa grisalha e rebelde, já com fios escorrendo aos cantos da bôca, se estarcieira

— Como nos bons tempos homéricos!

— Ou no dizer rabelaisiano — «je dy boire vin bon et frais» —. E, espicacante, servia-lhe no prato a oreilha do leitão.

Fizera-se longo silêncio, pesado e difícil. Ouvia-se, sob o soalho, o rumorinho dos feirantes, em gorgulho, como o ferver do vinho novo nas cubas, e, por cima, na sala, a vareja moscardava o ar de cálidos zumbidos. Em senhorio pleno do espaço, o sol recortava em nítida revelação o casario da Vila, enaltecida o esverdeamento fresco das glebas lavoiradas, os contornos suaves da encosta, e, ao longe e ao fundo, o espinhaço agreste do maciço da serrania, estendido pelo horizonte compridamente; e porque, já entrado o verdadeiro descanso dominical, (pois era findo o mercado, recolhiam os vendedores, passavam as juntas de bois e as réguas das alimárias, ouvia-se o rodar dos carros, o trotar dos cavalos, as businhas dos automóveis), entretilhava-se a loirejar nas cabeças dos vilareiros e vilaricos as trabalhosas fainas da imaginação e os doces arrebatos dos apetites. Em torpida beatitude, com simples movimentos reflexos, simiescos, o Epaminondas mastigava uma febra do cabrito: êle começava a sentir que a empanturrção o prostrava em morfinada indolência, e, pela sua memória, já tarda e espessa, surgiam e esvaiam-se, rápidos, lances dos tempos da infância escolar em que conhecera e estreitara relações mais intimas com aquele seu companheiro, quasi desconhecido hoje. Zuriram os chicotes dos almocreves e logo a matilha da cainzada largou furiosamente em latidos raivosos e destemperados. E então, ao reparar no outro, com estranheza o viu mais abstrato em seu enigma de alma, mais baço ainda o olhar irio, alheio e ausente. Afastara de si o prato, sem mesmo tocar na comida, e apenas molhara os lábios com uma gota de vinho. Demorou-se um pouco a examiná-lo e teve curiosidade e pena.

— O' tu, cavaleiro andante, conquistador e viajero, corsário e pirata, fantasma ou peregrino: para que vieste quebrar a sagrada pausa dos meus dias sempre os mesmos, e inurgular a minha tripa famélica na sua humidade do caldo e broa, e que tonteria amável do destino te arreMESSOU de novo aqui?

DESPORTO

Abertura da época de futebol

Viória - Salgueiros, 1 - 1

O Vitória Sport Club inaugurou no domingo passado a nova época de futebol, fazendo jogar o seu grupo de honra com igual categoria do Sport Comércio e Salgueiros.

O encontro realizou-se no Campo de «Benlhevai» e terminou com o empate de 1-1, tendo sido presenciado por regular número de pessoas.

Na primeira parte as equipas animaram de maneira notável a partida pelo denodo com que lutaram. Na segunda não puderam agüentar a mesma toada, o que, aliás, não causou estranheza.

Técnicamente o jogo pouco valeu. De quando em vez lá se desenhava um esquema a revelar interesse, mas era sol de pouca dura.

Princípios de época...

Os tentos foram obtidos na segunda parte — o do Vitória, primeiro; o do Salgueiros, a seguir.

A validação do ponto dos visitantes deu motivo a alguns protestos da assistência.

Nós, com o ensurdecedor barulho que o rapazio fazia, não ouvimos se o árbitro apitara, como muitos alegavam, antes do esférico ter tocado as malhas de Ricoca. Se de facto havia apitado, não podia nem devia por princípio nenhum ter dado o goal por válido. Se não apitou, a marcação teve seu mérito.

Mas, de uma maneira ou de outra, a verdade é que os portuenses mereceram bem o empate e até mereciam ter terminado como vencedores. Foram mais aguerridos e engodaram-se mais pela baliza, atirando sempre que tiveram oportunidade. Isso não ter acontecido deve-se, sobretudo, à atenta actuação de Ricoca.

O Vitória estreou neste encontro um novo jogador, que alinhou a interior direito. A sua forma de jogar desagradou-nos. Isto não quer dizer que êle não tenha valor e que depois de adaptado não venha a dar conta do recado.

Não se vai a Roma num dia... A arbitragem de João Passos, afora o que acima referimos, foi regular.

J. Gualberto de Freitas.

Nas Caldas das Taipas

Hoje, 22 de Setembro de 1940 Festa Desportiva e Arraial Minhoto no PARQUE DO TURISMO, com o seguinte

PROGRAMA:

A's 14 horas — Corrida de Bicicletas para fortes e principiantes; às 15 horas — Ginkana de Bicicletas; às 16 horas — Ginkana em Patins e Corridas Livres em Patins de 300, 500 e 1.000 metros.

Em todas estas provas desportivas disputam-se Variosos Prémios, em exposição na Farmácia Monteiro.

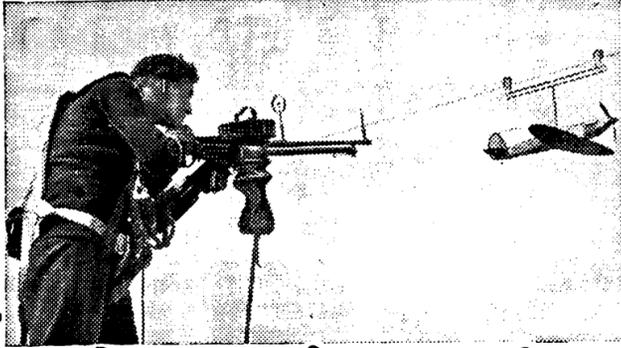
A's 17 horas — Apresentação do Grupo Desportivo do Jogo do Pau, de Fafe, num torneio pleno de beleza e novidade, que exhibirá:

- 1.º — Demonstração de conjunto;
- 2.º — Demonstração de contra-jogo, entre Silva e Oliveira, Faihais e Lopes, Infante e Infante, Florência e Serafim;
- 3.º — Número de fantasia;
- 4.º — Combate entre Fausto, das Taipas, e Serafim de Fafe;
- 5.º — Jogo do meio.

A' noite — ARRAIAL MINHOTO no Campo de Patinagem com esplêndida música.

A Banda das Taipas, que durante o dia abrilhantará esta festa, realiza à noite um concerto de música escolhida, que se prolongará até às 24 horas.

Entrada no Parque do Turismo, 1\$00



Imagens da Guerra

Um marinheiro da Aviação Marítima Inglesa visa, em exercício de tiro, um avião construído "ad hoc".

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

D. Maria Joaquina Dias Pinto
Na próxima quinta-feira, 26, passa o aniversário natalício da senhora D. Maria Joaquina Dias Pinto, veneranda mãe do nosso querido director e dos nossos prezadíssimos amigos srs. dr. Mário Dias Pinto de Castro, João, Agostinho e Francisco Dias Pinto de Castro.

A virtuosa senhora, modelo de mãe e de bondade, apresenta, antecipadamente, quantos aqui trabalham as suas mais respeitadas saudações.

Fizeram e fazem anos:

No dia 18, a esposa do nosso prezado amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis; no dia 19, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Simão Costa; no dia 24, o nosso prezado amigo e distinto professor de música, sr. António Guise; dia 25, o nosso prezado camarada de redacção, sr. José Gualberto de Freitas; e, no dia 27, a sr.ª D. Maria Garcia da Costa, veneranda mãe do nosso prezado amigo e ilustre professor do Liceu de Coimbra, sr. dr. Manuel Ferreira da Costa.

Partidas e chegadas

Encontra-se nas suas propriedades, em Mascoteles, o nosso prezado amigo e distinto oficial sr. coronel Luiz Pereira Loureiro.

Com sua família regressou de Vidago o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

Regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Antão de Lencastre.

Encontra-se na sua casa desta cidade a sr.ª D. Luciana Barroso da Costa Freitas.

Têm estado na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos srs.: Arnaldo de Sousa Lobo, Eugénio Teixeira Leite Basto, José Fernandes e António Bravo.

Com sua família partiu para as suas propriedades de Saúde, o nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho.

Encontra-se nas suas propriedades de Gonça a família do nosso prezado amigo sr. José Fernandes Martins.

Regressaram a esta cidade, após uma temporada na aldeia, as famílias dos nossos prezados amigos srs. António Luiz da Silva Dantas e João de Deus Pereira.

Partiu ontem para Lisboa a fim de seguir para os Açores, em viagem comercial, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas.

Esteve na Póvoa de Varzim de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.

Têm estado em Roriz as famílias dos nossos prezados amigos srs. dr. Fernando Ayres e António Geraldo Guimarães.

Partiu para a Figueira da Foz, com sua esposa, de onde seguirá para Lisboa, o nosso prezado amigo e distinto conservador do Registo Predial, sr. dr. João Ayres de Azevedo.

Com sua esposa encontra-se na Quinta da Mota o nosso prezado amigo e ilustre magistrado sr. dr. Raúl Alves da Cunha.

Têm estado no Gerez, a uso de águas, a esposa do nosso bom amigo sr. Francisco da Cunha Mourão.

Fizou residência no Póvo o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira da Silva.

Entrou no gózo de 30 dias de licença o nosso prezado amigo e distinto advogado-notário sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

De Braga, onde esteve por motivo de falta de saúde, regressou a esta cidade, algo melhor dos seus padecimentos, o nosso prezado amigo e estimado chefe da P. S. P. sr. António José Vieira.

Regressaram da Póvoa de Varzim as famílias dos nossos bons amigos srs. Domingos Alves Machado, Adriano Sampaio Abreu e Paulo Ribeiro da Silva.

Com sua família, regressou de Vila do Conde o nosso prezado amigo e distinto clínico vimaranense, sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Partiu para Gouveia, acompanhado de sua esposa, seguindo dali

para Lisboa, o nosso prezado amigo e ilustre Magistrado, sr. dr. António Augusto da Silva Carneiro.

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. drs. João António de Almeida, João António de Almeida Júnior, Alberto Rodrigues Milhão, Raúl Rocha e Alberto Carlos Abreu.

Têm estado com sua família nas suas propriedades de S. Lourenço de Selho, o nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

Também se encontra com sua família, nas suas propriedades da Corredoura, o nosso amigo sr. Simão da Costa Pacheco.

Têm estado na Póvoa de Varzim a esposa do nosso prezado amigo sr. António Ferra.

Para Fátima e Lisboa, partiram há dias os nossos prezados amigos srs. P. Gaspar Nunes e José Gilberto Pereira, fazendo-se este acompanhar de sua dedicada esposa e gentis primas.

Regressou da Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo sr. Alberto Augusto.

Pedido de casamento

Para o sr. António Luís Sampaio, distinto engenheiro Agrônomo em Ancora, foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Beatriz Montenegro Pereira da Costa, gentil filha do nosso prezado amigo sr. José Joaquim Pereira da Costa.

O enlace matrimonial deve realizar-se brevemente.

Aos noivos desejamos, desde já, muitas felicidades.

Doentes

Vimos já completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Domingos Leite Correia Azenha (Freiria). Folgamos.

Continua internado em quarto particular do Hospital da Ordem do Carmo, no Póvo, tendo, contudo, experimentado sensíveis melhoras, o nosso prezado conterrâneo e amigo e ilustre clínico, sr. dr. Laetia Vieira de Castro, que ali tem recebido a visita de diversos colegas e de muitas pessoas amigas.

Continuamos a fazer os melhores votos pelo seu completo e breve restabelecimento.

Têm passado ligeiramente incomodados os nossos prezados amigos srs. José dos Reis Teixeira e Paulino de Magalhães, conceituados negociantes locais.

Têm passado ligeiramente incomodada a sr.ª D. Ana Júlia do Sacramento Mendes.

Desejamos as melhoras de todos os doentes.

Diversas Notícias

Colónia Balnear Infantil

Regressaram a esta cidade as crianças que constituíram o 2.º turno da Colónia Balnear Infantil dos Sindicatos Nacionais de Guimarães.

As crianças eram aguardadas na sede do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil por suas famílias e diversas pessoas, tendo sido recebidas com salvas de foguetes.

Sêlos dos Combatentes da Grande Guerra

São avisados todos os mancebos que ficaram livres nas inspecções militares do corrente ano, que devem efectuar o pagamento do sêlo dos Combatentes da Grande Guerra até ao fim do corrente mês.

O não cumprimento será punido com 15 dias de cadeia.

Vida Recreativa

Num dos últimos domingos reuniu-se na Penha, em jantar de confraternização, os componentes do antigo grupo excursionista vimaranense "os Arautos de D. Afonso Henriques", tendo aquela reunião decorrido no meio da maior alegria.

No final da mesma foram proclamados Presidentes da Direcção e da Assembleia Geral, respectivamente, os nossos bons amigos srs. Amílcar José Lopes e Domingos Alves Machado a quem todos os componentes em festa testemunharam o seu apreço e confiança.

Deslocou-se no passado domingo a cidade do Póvo, o grupo recreativo "Berço da Nação", com sede na freguesia de Creixomil e que ali fora a convite do grupo excursionista "Viva Portugal", que festejava o 4.º aniversário da sua fundação.

Os excursionistas vimaranenses foram recebidos na estação da Trindade por muitos grupos congêneres e pela Comissão de Honra dos festejos,

assim como por alguns "Ranchos" e "Tunas", com os seus estandartes. A chegada foram levantados vivas e ouviram-se acordes musicais.

Tanto no "apelourinho" para onde o cortejo se dirigiu em seguida para a colocação de um formoso ramo de cravos, como na sede do grupo em festa, foram feitas lisongueiras referências à cidade de Guimarães e ao seu bom povo.

Asilo de Mendicidade dos Santos Passos

Donativos recebidos ultimamente: Condessa de Margarida, 30 rasas de milho e 10 de centeio; Baronezas de Pombeiro, 20 rasas de milho; anónima, 200\$00; António Pimenta, filho, 1 colcha de seda de 1.ª qualidade.

Vida sindical

Realizando-se no próximo dia 21 uma Excursão dos Organismos Corporativos à Exposição Histórica do Mundo Português, com volta em 24, são avisados por este meio todos os sócios do Sindicato da Indústria Têxtil, que a sua sede, sita à rua de Alcobaça n.º 15, em virtude do acima exposto, encerrará no dia 21, às 12 horas, só abrindo novamente no dia 25, às 10 horas.

Matriculas - Escola Industrial e Comercial "Francisco de Holanda"

Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional acaba de autorizar a matrícula nos cursos diurnos dos candidatos que ainda não tenham a idade legal.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

Violento incêndio

Pouco depois das 6 horas da madrugada de 2.ª feira, manifestou-se um violento incêndio numa casa situada no lugar de S. Gemil, freguesia de S. João de Ponte, deste concelho, habitada por António Pereira da Silva, funcionário público e de que é proprietário o sr. dr. João Martins de Freitas, desta cidade.

O prédio ficou reduzido a escombros sendo os prejuízos superiores a 20 contos.

Trabalharam os B. V. de Guimarães e das Taipas que ali compareceram.

Falecimentos e SUFRÁGIOS

Finou-se a sr.ª D. Elisa Castanheira, esposa do sr. Alfredo Castanheira, escrivão de Direito aposentado. O funeral efectuou-se para o Cemitério Municipal.

Após cruciantes sofrimentos finou-se na 4.ª-feira a sr.ª D. Francisca Glória Pereira, viúva do sr. Secundino Alves Viana, mãe dos srs. Lucílio e António Alves Viana, irmã dos srs. Manuel José e Joaquim Plácido Pereira, cunhada da sr.ª D. Glória da Costa Leite, funcionária do Liceu de Martins Sarmiento e tia dos srs. Camilo, Mário, Adélio e José Feliciano Plácido Pereira.

Também faleceram: na freguesia de Brito a sr.ª D. Felicidade Maria da Costa, proprietária; na freguesia de S. Torcato, o proprietário sr. José Joaquim Martins e na freguesia de S. Faustino de Vizela o sr. Manuel Vieira, proprietário.

De luto

Pelo falecimento de uma pessoa de família encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. José Pereira Guimarães, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Câmara Municipal

Sessão de 11 de Setembro:

A Câmara, em sua sessão de 11, deliberou: - Expropriar a João Paulino Pereira e sua mulher, da Rua Padre António Caldas, parte do prédio não expropriado pelo Estado, da Rua do Conde D. Henrique, com os n.ºs 28 e 32, pela quantia de 11.800\$00; autorizar o pagamento de 6.000\$00 a Comissão de Melhoramentos da Penha para as obras a realizar naquela estância de turismo; encarregar o empreiteiro Manuel da Costa, de Santa Maria do Souto, das obras de reparação da Escola de Donim, pela importância de 1.500\$00; tomar em consideração para o orça-

mento de 1941, o pedido de subsídio de 3.000\$00 para as obras de reparação da Escola Industrial, desta cidade.

Resolveu mais fazer-se representar na reunião dos Municípios Portugueses que, pela iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, deverá efectuar-se naquela cidade, no dia 3 de Novembro próximo, a fim de se tratar da constituição ou da organização da União dos Municípios Portugueses; autorizar o sr. Presidente a outorgar na escritura de aquisição do Direito de exploração de águas na sorte de mato, situada na fonte da Moura, freguesia de Pinheiro.

Sessão de 18 de Setembro:

A Câmara em sua sessão de 18 do corrente, deliberou: - Solicitar da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal a reparação da passagem de nível de Vizela, oferecendo a Câmara, para esse fim, os paralelepípedos necessários; mandar proceder pela Repartição de Engenharia ao estudo do alargamento do caminho municipal da Morreira à freguesia de Balazar; nomear Maria da Conceição Abreu, para guarda das retretes públicas, da rua de Camões; autorizar o pagamento de 3.378\$30 a João Pinto de Figueiredo, desta cidade, importância da diferença entre a quantia de 49.015\$80 total das importâncias por este já recebidas, pela execução da sua empreitada no Mercado Municipal e a quantia de 52.394\$25 constante do certificado passado pelo arquitecto daquela obra sr. Marques da Silva; aprovar o projecto do caminho vicinal do Alto de S. Simão à vila de Vizela e o seu respectivo orçamento, e pedir para esta obra a comparticipação do Estado.

Casa dos Pobres

Movimento durante omês de Agosto de 1940:

Subsídios em dinheiro a 189 pobres, 4.142\$50.

Subsídios em dinheiro para renda de casa a 165 pobres, 2.703\$50.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 30\$00.

Albergue - Pernoitaram, 250.

Barbearia - Barbos, 316; Corte de cabelos, 48.

Balneario - Banhos, 1087; idem, com despiohamento, 1.

Refeições fornecidas a Pobres - Sopas, 11.975; Pratos, 465; Pães, 11.975; C. de vinho, 480.

Vestuario fornecido - Casacos, 2; Camisas, 5; Calças, 2; Lenços, 1; Saias, 1; Bluzas, 1; Vestidos, 1.

Cozinha Económica - Refeições fornecidas a operários - Sopas, 586; Pães, 1.027; Pratos, 2.765; Copos de vinho, 1.609.

Refeições fornecidas aos presos da Cadeia, 1549.

Refeições fornecidas aos presos da Esquadra, 148,5.

Lactário Municipal, anexo à Casa dos Pobres - Crianças que transitaram de Julho, 43; Admitidas, 7; Terminaram, 5; Pesagens às mesmas, 134; Consultas, 47.

Donativos recebidos - Tenente coronel Francisco Martins Ferreira, 8 côlmos de palha; D. Luiza Araújo Gomes Guimarães, 15 côlmos; Câmara Municipal de Guimarães, 3 colchões; D. Alice de Carvalho Brion - Amarante, 50\$00; D. Custódia da Silva Branco - Póvoa de Varzim, 200\$00; P. D. S. G., 150\$00; António Machado de Abreu, por intermédio do sr. Chefe da Polícia, 150\$00; dr. João Baptista Borges - Miranda, 200\$00.

Agradecimento

Não são de reclame estas minhas palavras.

Quem tão proficientemente exerce a clinica médico-cirúrgica, como o Ex.º Sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria, da cidade de Guimarães, não precisa de reclame; a sua obra o prega bastantemente.

São palavras de gratidão, saídas do meu coração agradecido, atento o bom resultado da operação e tratamento, a que tive de submeter-me no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, da cidade de Guimarães. A êle, médico operador e assistente, bem como aos abalisados e distintos médicos, Ex.ºs Srs. Drs. João de Almeida e João de Freitas, seus auxiliares, o meu eterno reconhecimento, pois todos me trataram nessa operação e doença com a sua reconhecida competência e afabilidade.

A rev. Madre Superiora e demais religiosas dessa casa hospitalar, apenas lhes digo que, nelas o amor de Deus as leva a amar o próximo, e que me edificaram com a caridade, de que tem o nome. Ajusta-lhes bem o título «Irmãs de Caridade».

Com tais médicos e com tais enfermeiras, até parece apeteecer dizer: «vale apenas estar doente»; tal o conforto e afabilidade, que me dispensaram! A todos os que me trataram e a todos os que me visitaram, ou que, de qualquer forma, mostraram interesse pelo meu estado de saúde, a todos o meu «muito obrigado», escrito com letras maldiscadas.

Tarrio, S. Cristóvão de Abação, 19 de Setembro de 1940.

João Aires de Sousa Pereira Guimarães.

TEATRO MARTINS SARMENTO E M.P.R.E.S.A. JORDÃO & C.ª. Hoje, às 15 e às 21 1/2 horas: Um intenso e extraordinário drama A POUSADA DE JAMAICA

magistralmente interpretado por CHARLES LAUGHTON, MAUREEN O'HARA e L. BANKS.

Quinta-feira, 26: NÁPOLES EM FOGO

o mais popular dos filmes musicais, com TINO ROSSI e VIVIANNE ROMANCE.

OLEÃO TEM ASAS Documentário sobre a aviação inglesa, considerado o melhor e mais emocionante filme sobre aviação.

INTERNATO ACADÉMICO ANEXO AO LICEU MARTINS SARMENTO GUIMARÃIS TELEFONE, 139 Colégio para alunos do ENSINO OFICIAL, matriculados no Liceu instalado no mesmo edificio. MATRÍCULAS DE 1 A 15 DE AGOSTO. Pedir esclarecimentos à Direcção.

Para o seu Filho. TODDY dará a seu filho um aspecto diferente, você mesmo se admirará de velo com outra disposição para os trabalhos escolares. TODDY é um alimento ideal para o infante. Os estomagos mais delicados digerem TODDY com facilidade. Fabricas em 19 países inclusive no Brasil.

Agentes Distribuidores: HENRIQUES & C.ª, L.ª DA Rua de S. Julião, 41-2.º - LISBOA. ACEITAM-SE AGENTES NA PROVINCIA.

Misericórdia de Guimarães Piano, mobília, secretária, etc.

Movimento hospitalar no mês de Agosto de 1940

Hospital Geral de Santo António Consultas no Banco, 373. Receitas abonadas a doentes externos, 252. Parturientes recolhidas, 11. Crianças nascidas, 10, sendo 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Doentes existentes no último dia do mês de Julho, 117. Doentes entrados durante o mês de Agosto, 160. Doentes saídos: Curados, 109. Melhorados, 50. No mesmo estado, 6. Falecidos, 8. Ficaram existindo no último dia do mês de Agosto, 104. Banhos dados no balneario, 252. Operações de grande e pequena cirurgia, 61. Curativos feitos no Banco, 1.564. Oftalmologia: - Curativos, 779. Operações, 2. Injecções aplicadas, 1.406. Sessões de Raios ultra-violetas, 353. Sessões de Diatermia, 133. Sopa a pobres - S. Paio, 48. Doentes, 217.

Hospital António Francisco Guimarães-Vizela Consultas no Banco, 11. Doentes existentes no último dia do mês de Julho, 23. Doentes entrados durante o mês de Agosto, 5. Doentes saídos: Curados, 11. No mesmo estado, 2. Falecidos, 1. Ficaram existindo no último dia do mês de Agosto, 14. Curativos feitos no Banco, 340. Injecções aplicadas, 110.

VENDEM-SE 1 piano vertical, armado em ferro; 1 mobília de sala de visitas; 1 secretária e 1 cadeira giratória, tudo em bom estado de conservação. Tratar na Central das Meias 180 Toural, 2 - Guimarães.

Declaração Declararam no Pósto Policial desta cidade, e assinaram essa declaração, as seguintes pessoas abaixo indicadas: Maria Amélia de Oliveira Freitas, casada, operária fabril; Aurélio de Oliveira Freitas, solteiro, gaspeadeira; e Rosa de Oliveira Freitas, solteira, doméstica, todas residentes na Rua da Ramada, desta cidade, que Clotilde da Silva, casada, operária fabril, é pessoa de bom porte, honesta e fiel ao seu marido, José da Silva. (194

AGRADECIMENTO Tendo falecido o operário João Joaquim de Oliveira, sua viúva agradece a todas as pessoas que o socorreram, com suas esmolas, durante a prolongada doença. De entre todas destaca a Ex.ª Sr.ª D. Branca Dias Machado a quem se confessa eternamente grata por todos os seus muitos gestos de benemerência, e o Ex.º Sr. Monsenhor João António Ribeiro pela assistência que se dignou prestar ao saudável morto.

Lêde e assinai o «Noticias de Guimarães», o jornal de maior expansão no concelho.



**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

A ALFACE

A alface é uma planta hortense que se consome em larga escala sob a forma de salada.

Todos sabem isto, mas talvez ignorem que a alface pode levar consigo os produtores de algumas doenças.

O facto não será para estranhar se atendermos a maneira como, em geral, se faz a cultura; adubada muitas vezes com produtos excrementícios, a alface está sujeita à impregnação de micróbios ou outros seres de organização inferior.

Não é tanto a impregnação superficial que preocupa o higienista, mas a impregnação profunda — aquela que se manifesta na intimidade dos próprios tecidos vegetais.

A este propósito há a experiência, muito demonstrativa.

Quatro alfaves foram dispostas em vasos apropriados e regadas com água contaminada pelo bacilo do tifo, proveniente de culturas em gelose.

Desenvolviam-se essas plantas, cortaram-se as extremidades das folhas e preparou-se a sua custa uma emulsão, na qual se encontrou o bacilo do tifo.

Repetidas, 6 vezes, estas experiências obtiveram-se, sempre, os mesmos resultados.

Por aqui se vê o perigo a que se está sujeito, quando se ingere alface proveniente de terrenos adubados com produtos infectados.

A contaminação exterior pode, também, ter lugar com a água empregada na rega ou lavagem das folhas.

A experiência prova, igualmente, que a alface se presta a disseminar os vermes intestinais.

Não digamos tudo isto com o fim de convencê-los a excluir as refeições a salada de alface. Quando nãla há que faça suspeitar da existência de um foco de infecção, a alface constitui um esplêndido auxiliar da digestão.

A salada é preparada, entre nós, da seguinte maneira: cortam-se as folhas da alface em pedaços maiores ou menores, lava-se bem lavada com água de toda a confiança, devese preferir-se a fervida, junta-se-lhes vinagre, um pouco de azeite e sal, revolvendo-se tudo por fim.

Será o vinagre nestas condições capaz de esterilizar a alface?

Afirmam alguns que a esterilização só é possível com vinagre forte; outros negam esta acção esterilizadora, em qualquer caso.

Precisamente por causa desta divergência de opiniões, aliás baseada em dados teóricos, é que nos propuzemos fazer um estudo prático sobre o assunto, cujos resultados definitivos levarão ainda algum tempo a serem conhecidos.

Mas, quaisquer que sejam estes resultados, a verdade é que a priori não podemos conceber a esterilização completa sem uma acção demorada, de tal forma que o vinagre tenha tempo de chegar à intimidade dos tecidos vegetais, ressalvando-se, assim, os casos de impregnação microbiana profunda.

Quando à acção do vinagre, sobre os ovos de parasitas intestinais, também não está demonstrado praticamente, mas deve ser nãla, atendendo a dificuldade de penetração do envólucro: fazemos notar que certos ovos resistem a uma fervura pouco demorada.

Fica dito, desta maneira, os perigos que podem advir do uso da alface.

Tratemos dos seus aspectos benéficos.

A alface gosou de grande fama na antiguidade, não quanto a seu poder alimentar que é insignificante, mas com respeito às virtudes terapêuticas.

Em livros de medicina dos séculos XVI e XVII encontra-se a alface indicada como remédio. Num desses livros, dos mais antigos, diz-se que todas as espécies de alface são refrescantes, matam a sede, previnem a constipação e facilitam o sono.

Galeno comia, todas as tardes, alface, para garantir uma noite tranquila. Algum, achando exagerada esta acção hipnótica, objectou com ironia:

“os grilos comem alface e nem por isso socegam de noite...”

A alface foi muito recomendada como aperitivo e diurético, receitando-se às pessoas atingidas de pedra e outras doenças da bexiga. Também a encontramos indicada contra o reumatismo.

A indicação mais formal dizia, porém, respeito à icterícia. Apontavam-se muitos factos demonstrativos desta sua acção benéfica sobre o fígado.

Houve um médico da nossa época chamado Brell, que, impressionado pelas maravilhas referidas nos livros antigos, lhe deu para estudar, praticamente, as virtudes terapêuticas da alface sobre a icterícia e duma maneira geral sobre a insuficiência hepática.

Brell chegou às seguintes conclusões: em numerosos doentes atingidos de icterícia, cirrose, lictise hepática, coelicite e, sobretudo, naqueles em que se manifestam, com mais nitidez, os sintomas de insuficiência do fígado, há a notar, sob a acção das folhas de alface, uma melhoria do estado geral, com regularização das funções intestinais e aumento de volume de urina. Paralelamente os elementos anormais diminuem, as matérias retomam a sua coloração normal e a pigmentação do tegumento atenua-se, até desaparecer por completo.

Eis também a opinião autorizada de Henri Leclerc: “vários ensaios que fiz do método do dr. Brell, permittem-me confirmar as suas conclusões, em favor do emprego da folha de alface, para aumentar as funções anti-tóxicas do fígado. E’ opinião também de vários médicos, sobretudo americanos, que a alface deve ser preconizada contra a tosse e irritação nervosa. Mas, para este efeito, deve a alface ser usada sem vinagre.”

Há ainda quem indique a salada para, em cosimento (frio) amaciá-la a pele, sendo talvez por esta razão que, à custa de tão reputada planta, se fabricam cremes para esse fim.

Quem quizer dar à alface um aroma grave de medicamento pode servir-se do lactocarium que é um líquido esbranquiçado saído dos cortes da planta e convertido numa espécie de pasta.

Pelo que deixamos dito se vê que a alface é um comestível muito estimado apreciável e cuja cultura merece todos os necessários cuidados.

Ha ajuda quem indique a salada para, em cosimento (frio) amaciá-la a pele, sendo talvez por esta razão que, à custa de tão reputada planta, se fabricam cremes para esse fim.

Quem quizer dar à alface um aroma grave de medicamento pode servir-se do lactocarium que é um líquido esbranquiçado saído dos cortes da planta e convertido numa espécie de pasta.

Pelo que deixamos dito se vê que a alface é um comestível muito estimado apreciável e cuja cultura merece todos os necessários cuidados.

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Guimarães e pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial da mesma comarca, no dia 13 do próximo mês de Outubro, por 12 horas, à porta do Café Sport, sita no Largo 28 de Maio, desta cidade, e nos autos de carta precatória para a arrematação dos bens penhorados ao executado, Fernando Ramos, proprietário do Café Sport, desta cidade, nos autos de Execução por custas e selos que lhe move o digno Agente do Ministério Público na comarca de Braga, vinda da segunda Vara Judicial da mesma comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública para serem entregues a quem maior preço oferecer acima daquelas que lhes foram atribuídas. — Diversos bens móveis para estabelecimento de Café, utensílios de cozinha, um aparelho de Rádio Philips, várias garrafas vazias, um moinho de café e outros móveis.

Guimarães, 26 de Julho de 1940.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, 191
Rodolpho Arthur d’Abreu.

O Chefe da 3.ª Secção,
Luís Cândido Lopes.

DO CONCELHO

Vizela, 20.

Regressou do Douro, para onde tinha ido com sua família em góse de licença, o sr. Inspector Pinto, dos Caminhos de Ferro, desta lhuha.

— Sepultou-se, há dias, o jovem Aurélio da Cunha Granja, filho querido do bom amigo sr. Casimiro da Cunha Granja, da Praça da República.

A toda a família dorida, os nossos cumprimentos de pesar.

— Pelo sr. António Amaral, desta vila, foi pedida em casamento para o nosso amigo Armindo da Costa Dias, digno empregado da Barbearia Amaral, a menina Esmeralda Alves Campos, simpática filha do sr. Boaventura Alves Campos.

— No próximo domingo, 22 do corrente, exhibe-se no Cine-Parque o popular e apreciadíssimo filme “A Rapariga do El Dorado”, com os conhecidos Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy. — C.

Caldas das Taipas, 20.

Vai adiantadíssima a época balnear, que, não obstante as terríveis consequências da tremenda luta em que está envolvida a velha Europa, foi muito movimentada como há já muitos anos não nos era dado observar, conservando-se ainda entre nós muitos aquistas.

O Hotel das Termas que tem ajuda bastantes hóspedes deu as cartas e ganhou a partida, mercê da forma como são tratados os seus clientes, quer por parte do seu gerente sr. Martinho Ribeiro da Silva, quer pela do mui digno fiscal da Empresa Termal e nosso prezado amigo sr. tenente João de Figueiredo, que merecem os nossos elogios.

Este réclame — se réclame se lhe pode chamar — não é feito por interesse, pois o sr. Martinho Ribeiro da Silva quando há meses convidou para um almôço os nossos distintos colegas na imprensa, da cidade de Guimarães, esqueceu-se de tornar extensivo esse convite aos pobres representantes da imprensa local.

Essa gafe aliás de reparar, está-lhe perdoada. E se a ela nos referimos é para que não possa haver alguém de má fé que pense que nos move qualquer particularidade interesseira ao fazermos o elogio do óptimo tratamento do Hotel das Termas. Este elogio é apenas um simples reflexo de impressões colhidas entre muitos dos seus numerosos clientes, e, por isso, as nos suas palavras representam, somente, um acto de justiça.

— Cêrca das 6,30 horas da pretérita terça feira manifestou-se um violento incêndio num prédio pertencente ao sr. dr. João Martins de Freitas, situado no lugar do Monte, freguesia de S. João de Ponte, habitado pelo empregado dos impostos municipais sr. António Pereira da Silva, que uma hora antes havia saído para a caça.

Desconhecendo-se ainda a sua causa, o que é certo é que, quando os bombeiros das Taipas chegaram ao local, o incêndio havia tomado tal incremento que já a armação e o soalho do prédio haviam deruido, sendo o rezdo-chão um verdadeiro brasero.

Mais tarde chegaram os bombeiros de Guimarães, limitando-se as duas corporações a trabalharem no rescaldo. Os prejuizos foram totais, ficando o infeliz Pereira da Silva apenas com a roupa que trazia vestida!

— Falleceu, sendo sepultado no sábado passado, o nosso bom amigo sr. José da Silva, antigo distribuidor do correio, pai do sr. Cândido da Silva Maia, também distribuidor dessa cidade, e que era aqui muito estimado pelas suas belas qualidades.

A família dorida, especialmente a seu filho Cândido Maia, enviamos os nossos sentimentos de profundo pesar.

— C. C.

fim para que a “Rosinha”, assim procedeu.

— Consorciou-se, no sábado, em Lobeira, com a sr.ª D. Venceslina Pereira Maia, professora em Rendufe, filha do sr. Ernesto de Jesus Pereira Maia, escrivão na Direcção Escolar do Pôrto, e da sr.ª D. Arminda da Conceição Lopes Maia, professora em Barcelos, o nosso prezado amigo sr. José Cardoso de Sousa, guarda-livros, filha do saudoso Jerônimo Cardoso de Sousa e da sr.ª D. Maria de Oliveira Cardoso, proprietária, da casa dos Cachos, de Lobeira. Foi celebrante o rev. José da Costa Duarte que fez uma brilhante alocução alusiva ao acto. Ao novo lar, desejamos os nossos veementos votos de mil felicidades.

— Com sua família encontra-se no seu palacete de Sub-Devesa, desta estância, o sr. Alberto Pimenta Machado. — C.

EDITAL

A Câmara Municipal do Concelho de Guimarães, de harmonia com a sua deliberação de 28 de Fevereiro do corrente ano,

FAZ SABER que no dia 9 do próximo mês de Outubro, pelas 15 horas, no edificio dos Paços do Concelho, vai proceder-se à venda, por grupos, em hasta pública, dos prédios e terrenos anexos, de que se compôo o Bairro da Arcela, pertença da Câmara, sob as seguintes

- Bases de licitação:**
- Grupo A — Casas n.ºs 1, 2, 3, 4, 5 e 6 . . . 36.000\$00;
 - Grupo B — Casas n.ºs 7, 8, 9, 10, 11 e 12 . . . 36.000\$00;
 - Grupo C — Casas n.ºs 13, 14, 15, 16, 17, e 18 . . . 36.000\$00;
 - Grupo D — Casas n.ºs 19, 20, 21, 22, 23 e 24 . . . 26.000\$00;
 - Grupo E — Casas n.ºs 25 e 26 . . . 7.000\$00;
 - Grupo F — Casas n.ºs 27 e 28 . . . 12.000\$00.

Os candidatos a licitantes terão de efectuar até às 14 horas do dia da arrematação o depósito provisório de 2,5% da base de licitação, sendo este depósito elevado para 20% sobre o valor da adjudicação por aqueles cujo lanço fór preferido.

As condições acham-se patentes na Secretaria da Câmara, onde todos os dias úteis podem ser examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 9 de Setembro de 1940. E eu, Américo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Câmara Municipal,
(a) João Rocha dos Santos.

Gruzeiro da Independência do C. N. E.

CONCURSO

Até ao dia 27 do corrente está aberto concurso para adjudicação da empreitada de construção do Gruzeiro da Independência.

O projecto e o caderno de encargos respectivos podem ser consultados no estabelecimento dos srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos, na Rua da República, 15, desta cidade.

O depósito de adjudicação é de 5% sobre a importância do orçamento aprovado.

A Comissão de Meios.

Restaurante Teixeira Mendes

— Guimarães —

PASSA-SE ou ALUGA-SE este antigo Restaurante, devido ao seu proprietário não o poder administrar por falta de saúde.

Assim como se vende o prédio onde o mesmo está instalado.

Falar ao seu proprietário.
Caldas das Taipas — Igreja Velha.

QUARTO

Aluga-se a pessoa de respeitabilidade. Falar na Redacção deste jornal.



Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.), sin. de Bandeira; sin. de Majopera.

CAMPIONATO CHARADÍSTICO CHARADISMO

Resultados do n.º 11 — 7.ª Série N.º 3 — 3.º ano — 8.ª Série

Soluções

686) VIDA-ETERNA; 687) enfeita; 688) amortecida; 689) VERDURA; 690) voga-avante; 691) RECINTO; 692) cedinho; 693) arara; 694) fulheiro; 695) feitura; 696) sobejo/a; 697) escafrúno/a; 698) direita/o; 699) CHAMO/A; 700) canal.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA: — Se do pé (calcante) tirar o meio = CAN, entra o meio (CAN) a trabalhar; depois volta a (a) = AL = CANAL.

Quadro de distinção
N.º 699, 686, 689 e 691.

RELATÓRIO
... do n.º 11:
Em verso: 699;
Em prosa: 686, 689 e 691.

Quadro de Honra

- A. L. C., Alguém, Alvarinto, Castela, Conde, Dado, Diadema, Don Zé Franuli, E’ dipo, Emecép, Etnop, Fidélío, Fosquinha, Hanibal, Já Mexe, Jorubasil, Joslicar, Lérias, Madame Lérias, Miss Sporting, Moradame Lérias, Miss Sporting, Moradame Lérias, Oteblo, Pacatão, P. de Inkin, Psolo, Quico, Rocambole, Rei Texai, Sabrigaita, Siulno, Tinobe e Valis

Quadro de Mérito

- Labita e Vareira, 13; Agnus Matutus, Biscaro, Copofónico, Dropé, Erbelo, Morenita, Rei Viola, Rottie, X-8 e X-9, 12; Olegua, e Quim Mosquito, 10; Délia e Doralvas, 8.

DIPLOMATAS
Todos se portaram com galhardia, e agradeçam a gentileza.

Produtores da 4.ª série

- 1) Esfinge, 2) Satan, 3) A. L. C., 4) Délia, 5) Doralvas, 6) Fausto, 7) Fidélío, 8) Mora-Rei, 9) Oraval, 10) Pantufa, 11) Reirobi, 12) Alguém, 13) Alvarinto, 14) P. de Inkin, 15) Quim Mosquito, 16) John Biffe, 17) Feijão Galego, 18) Alguém, 19) Arlino, 20) Carlos Melo, 21) Etnop, 22) Morais, 23) Avlis Yur, 24) Caligula, 25) Calmeirão, 26) Mora-Rei, 27) Oenarb, 28) Pacatão, 29) Veneno, 30) Zaroff, 31) Rei do Orco, 32) Psolo, 33) Caligula, 34) Conde, 35) Fidélío, 36) Doralvas, 37) Calmeirão, 38) Fausto, 39) Mora-Rei, 40) Oraval, 41) Ratónico, 42) Alguém, 43) John Biffe, 44) Pacatão, 45) P. de Inkin, 46) e 47) Esfinge, 48) Oenarb, 49) Pacatão, 50) Avlis Yur, 51) Conde, 52) Fausto, 53) Morais, 54) Rei do Orco, 55) Satan, 56) Etnop, 57) Fidélío, 58) Labita, 59) Lauroli, 60) Lérias, 61) Siulno, 62) Psolo, 63) Caligula, 64) Délia, 65) Avlis Yur, 66) Castela, 67) Etnop, 68) Já Mexe, 69) Labita, 70) P. de Inkin, 71) A. L. C., 72) Já Mexe, 73) Madame Lérias, 74) Miss Sporting, 75) Pacatão, 76) Lérias, 77) John Biffe, 78) A. L. C., 79) Fausto, 80) Oraval, 81) Sabrigaita, 82) Satan, 83) Oenarb, 84) Pacatão, 85) Rei do Orco, 86) Délia, 87) Caligula, 88) Castela, 89) Fidélío, 90) Labita.

(Continua.)

As listas dêste número devem estar em nosso poder até ao dia 6 de Out.ª

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

EDITAL

A Câmara Municipal do Concelho de Guimarães, de harmonia com a sua deliberação de 28 de Fevereiro, do ano corrente,

FAZ SABER que no dia 9 do próximo mês de Outubro, pelas 15 horas, no edificio dos Paços do Concelho, vai proceder-se à venda, em hasta pública, da casa e terreno anexos, pertença da Câmara, designada pelos n.ºs 40 a 44, sita na Rua Francisco Agra, desta cidade.

Base de licitação: 25.000\$00.

Os candidatos a licitantes terão de efectuar até ás 14 horas do dia da arrematação o

depósito provisório de 2,5% da base de licitação, sendo este depósito elevado para 20% sobre o valor da adjudicação por aquele cujo lanço fór preferido.

As condições acham-se patentes na Secretaria da Câmara, onde todos os dias úteis podem ser examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 9 de Setembro de 1940. E eu, Américo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Câmara Municipal,
(a) João Rocha dos Santos.